

18 JAN 1998

SITUAÇÃO BRASILEIRA É MELHOR

*economia
Brasil*

A globalização dos mercados financeiros veio para ficar. É o que constata o presidente da Ernst & Young do Brasil, George Roth. "Com a globalização dos mercados de bolsa e câmbio, teremos que nos acostumar com as ondas, que vêm e vão. No Brasil, temos estrutura sólida para enfrentar as tempestades muito mais firme do que têm os países asiáticos", avalia.

Para o presidente da Ernst & Young, os países que agora amargam a crise foram construídos em cima de seus próprios resultados. "A consequência disso foi uma supervalorização das bolsas de valores e dos imóveis, que serviram de garantias para empréstimos pesados", analisa. "Quando a crise chegou, desvalorizando tudo, os bancos ficaram com dívidas enormes e garantias que não cobriam os empréstimos dados. A situação ficou crítica por isso".

Já o Brasil, que amargou uma década perdida, procurou reconstruir sua economia baseado em reformas estruturais. "O país pode até ser alvo de novo ataque especulativo. Mas podemos nos sentir

mais seguros, pois o Brasil tem dispositivos concretos para enfrentar os especuladores", diz George. O principal instrumento é a privatização, que deve manter positivo o fluxo de capital de longo prazo para o Brasil.

Os setores que devem receber mais recursos do exterior são os de infraestrutura, especialmente telecomunicações e energia elétrica. "Mas a abertura das áreas bancária e de seguros para os investidores estrangeiros também vem atraindo um volume elevado de recursos para o país", percebe George.

Desde outubro, quando a crise eclodiu por aqui, o capital estrangeiro se retraiu e preferiu esperar para ver como o país se comportava. Agora, lentamente, o dinheiro estrangeiro começa a voltar. "Deverá haver um aumento no fluxo de capital estrangeiro nos próximos meses, destinado principalmente ao investimento direto. A área financeira deverá receber dólares, mas ainda vai demorar um pouco mais para o dinheiro voltar em volume elevado".